



**José Leite Oliveira Junior**

DOI: <https://doi.org/10.56814/6v1w4x30>

## **LUZIA-HOMEM: DICIONÁRIO DE CULTURA LINGÜÍSTICA PERSPECTIVAS, VALORES E NOVOS RUMOS**

**RESUMO:** A importância cultural de uma obra literária pode ser avaliada por seu impacto diatópico e diacrônico. Há aquelas obras circunscritas aos limites provincianos de sua produção, que não escapam à efemeridade de seu lançamento; e há outras que não se deixam aprisionar nas fronteiras, recebendo inclusive traduções e versões intersemióticas. Esta resenha trata do livro *Luzia-Homem: dicionário de cultura linguística*, do Prof. Dr. Vicente Martins, que aborda aspectos linguísticos do romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio.

**Palavras-chave:** Luzia-Homem. Aspectos linguísticos. Domingos Olímpio

**LINHA 1: Línguas e Literaturas em suas diversas conceitualizações, teorias críticas e crítica literária**

**José Leite Oliveira Junior**

Professor do  
Departamento de  
Literatura da  
Universidade Federal  
do Ceará. E-mail:  
leitejr@ufc.br

## RESENHA

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Luzia-Homem*: dicionário de cultura linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 238p. 16 x 23 cm.

A importância cultural de uma obra literária pode ser avaliada por seu impacto diatópico e diacrônico. Há aquelas obras circunscritas aos limites provincianos de sua produção, que não escapam à efemeridade de seu lançamento; e há outras que não se deixam aprisionar nas fronteiras, recebendo inclusive traduções e versões intersemióticas, e não se sujeitam mesmo à sua dimensão cronológica, projetando-se de geração a geração, como a desafiar a contingência histórica de sua gênese. Lançado em 1903, tudo leva a crer que o romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, seja exemplo do segundo caso.

Do ponto de vista qualitativo, uma obra literária tem sua repercussão aferida pela fortuna crítica que desperta. Uma produção mediana pode até suscitar uma nota social num periódico, como a assinalar que um rebento cultural veio ao mundo, o que é justo e não deixa de ser necessário; mas somente as produções literárias culturalmente impactantes vão merecer estudos mais alentados, não raras vezes ateadando a chama da polêmica, já que a realização discursiva é sempre um espaço de negociação de valores. E só um menor número destas últimas, aquelas que se transformam em monumentos identitários, são contempladas com edições críticas e até dicionários de especialidade.

Com o título *Luzia-Homem: dicionário de cultura linguística*, de Vicente Martins, não resta dúvida de que a obra capital de Domingos Olímpio já desfruta dessa distinção: tendo recebido uma crítica literária pontual e não poucas vezes equivocada, em boa parte do século passado, acabou ganhando novo impulso pela resposta que lhe tem dado a pesquisa universitária desde data próxima ao seu centenário. E agora recebe seu dicionário.

Vicente Martins, vale lembrar, tem larga experiência no ensino superior, sendo ele professor da Universidade do Vale do Acaraú – na cidade onde se passam as cenas fundamentais do romance –, é pesquisador dedicado à Lexicologia, com vultosa contribuição acadêmica, estando já em seu terceiro estágio pós-doutoral, com os seguintes estudos: “Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de *Corpus* de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro” (Universidade Federal da Bahia, 2016-2017); “Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira” (Universidade Federal do Ceará, 2019-2020); e “Os Biblicismos na Literatura Brasileira” (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, em curso).

O dicionário, que tenho a oportunidade de ler no nascedouro, recebe uma cuidadosa edição de 238 páginas, preparada por Pedro & João Editores, de São Carlos (SP), com uma caprichosa capa em que aparece uma jovem cearense<sup>1</sup> como que a lembrar não só o simbolismo feminino do romance, mas também o brilho intelectual da jovem universitária. Sim, pois o livro brotou no ambiente acadêmico, nos esteios do ensino, pesquisa e extensão. A editora tem seu Conselho Científico, que inclui Augusto Ponzio (Bari, Itália), João Wanderley Geraldi (Universidade de Campinas), ao lado de outros não menos valorosos pesquisadores. Chama a atenção o propósito da Pedro & João, que, militando no difícil campo editorial das Ciências Humanas, sustenta estas felizes palavras em sua página institucional: “Sonhar dá trabalho! Muito trabalho! Mesmo assim nossa intenção é continuar sonhando!”<sup>2</sup>

Ainda nos itens paratextuais do livro, Vicente Martins mostra-se grato às investidas da crítica literária mais recente, ou seja, a que teve um olhar mais positivo sobre *Luzia-Homem*: “A todos rendo minhas sinceras homenagens por suas ricas pesquisas e inspirativas produções acadêmico-culturais.”

A introdução, que ele chama “As clássicas ‘duas palavras’”, certamente vai surpreender a quantos imaginam uma abertura protocolar de um dicionário. Nela, revela-se inicialmente a afinidade epistemológica neurocognitiva do lexicólogo, abrindo-se o “cérebro do leitor”, na expressão de Stanislas Dehaene, para explicar a origem do fascínio proporcionado pelo léxico desse romance. Assim, ele faz sua anamnese, buscando no espaço-tempo da memória reconstituir cenas de sua experiência escolar de letramento. É nessa experiência que ele vivencia a epifania lexical: nas primeiras experiências de leitura literária já lhe ocorria a intuição de que certas palavras tinham o poder da evocação da cultura, sobretudo os itens telúricos da cultura, algo que, nos tempos de ensino superior ganharia nomes pomposos como *verossimilhança*:

Há quatro décadas não conhecia nada de Sobral, cidade a 220 km de Fortaleza. A escola me indicou a leitura de LH e, pela primeira vez, tive uma noção de tempo e espaço de Sobral, cidade situada na mesorregião noroeste do Estado do Ceará. No campo da literatura, nada sabia também do conceito de verossimilhança (ligação entre fatos e ideias numa obra literária). O léxico me ajudou a entender mais sobre as cidades do semiárido, os povos e as suas culturas telúricas. (MARTINS, 2021. p. 11)

---

<sup>1</sup>Trata-se de Aparecida Farias, natural de Cariré (CE), que faz graduação em Letras pela UVA.

<sup>2</sup>Disponível em <<https://pedroejoaeditores.com.br/site/sobre/>>.

Nessas memórias, percebe-se o fascínio suscitado por certas palavras, aquelas capazes de urdir não apenas a trama polissêmica do texto literário, mas também de ligar um texto literário a outros textos, sejam os artísticos, sejam os ensaísticos. Neste segundo caso, Vicente Martins destaca o simbolismo cromático, estudado pelo colega Francisco Vicente de Paula Júnior, em pesquisa sobre a semântica das cores na literatura fantástica.

Considerando-se metaforicamente a arquitetura do texto, algumas palavras abriam portas para dentro do texto, para outros textos em particular e para a cultura em geral. Na expressão “obra ciclópica”, por exemplo, no segundo parágrafo do capítulo inicial de *Luzia-Homem* (na descrição do trabalho de construção da cadeia de Sobral), abriu-se para ele uma porta para a mitologia grega. Mais adiante, no exercício do magistério superior, ele proporcionaria aos estudantes a oportunidade de ler esse romance numa perspectiva interdiscursiva, com aberturas para outras obras, para valores culturais e históricos, fato particularmente relevante em se tratando de ficção que reconstitui o ambiente de Sobral em 1878, nada menos que o segundo ano da mais trágica seca nordestina.

Passadas as páginas de introdução, vê-se que, pela forma como foi organizado, o dicionário não é somente um rol de verbetes. Há o cuidado em apresentar um resumo do romance, que ele associa a outros títulos regionalistas brasileiros, além da explicitação da proposta teórico-metodológica adotada, o que inclui o conceito de *culturema* e os procedimentos para sua descrição. O termo é assim definido pelo lexicólogo: “Culturema<sup>3</sup> é uma unidade linguística discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.” (MARTINS, 2021, p. 24). Passadas as folhas iniciais, vem o dicionário propriamente dito, dividido nas subseções “Locuções verbais”, “Locuções nominais”, “Compostos”, “Provérbios”, “Cultura Linguística em LH, por capítulo”, “Antropoculturemas (personagens) em LH” e “Léxico de Lacunas em LH, segundo Afonso de Taunay”. Após as referências, vêm dois anexos, em que ele explica a adaptação que fez das categorias analíticas de Paula Igareda, considerando-se o *corpus* literário: “Fizemos a

---

<sup>3</sup>Percebe-se a correlação do termo *culturema* com outros estabilizados na Linguística. Chamou minha atenção a composição híbrida de *culturema*. Um impulso purista me trouxe à mente a possibilidade da forma *etnema*. No entanto, *etnema* já tem seu lugar na terminologia antropológica: “*etnema* In antropologia culturale, ogni componente che concorre a costituire l’insieme polivalente della cultura nelle sue varianti concettuali e normative, ambientali e storiche, quali i sistemi di pensiero, della parentela, del lavoro, del diritto, della politica, della religione e di ogni altra struttura del sapere e del comportamento.” Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/etnema/>>.

recategorização e criamos terminologia própria para os culturemas levantados ao longo da leitura das obras literárias.” (MARTINS, 2021, p. 21).

Quanto à edição estudada, Vicente Martins usou de prudência filológica, apoiando-se na segunda edição do romance, de 1929, e não na primeira, de 1903. Ele explica a opção por um motivo bastante convincente: a primeira edição das obras em geral costuma ser a que mais sofre com erros tipográficos. Eu acrescentaria o fato de que, tendo falecido em 1906, Domingos Olímpio não conheceria as sucessivas edições de sua obra capital; não teve, portanto, tempo e oportunidade de fazer as costumeiras emendas demandadas a cada tiragem. Bem diferente de outro exemplo também daquele início do século passado, que foi a primeira edição de *Os sertões*, de 1902, com os oitenta erros corrigidos pelo próprio Euclides da Cunha. Multiplicados por mil exemplares, ele teria feito à mão nada menos que oitenta mil retificações<sup>4</sup>.

Vicente Martins manteve a grafia da segunda edição. Com base nela é que trabalhou, contando com a colaboração de estudantes bolsistas (Funcap), na identificação e arrolamento dos culturemas – que ele traduz como “regionalismos fraseológicos”. O pesquisador assim reconhece o valor de sua equipe de trabalho:

[...] para a publicação desta obra, não poderia deixar de agradecer publicamente ao Francisco Romário Rodrigues, responsável pela digitação da 2ª edição de LH 2, atento à ortografia vigente em 1929; e à Alice Rodrigues de Sousa e ao Francisco Ildomar da Silveira, ambos, hoje graduados em Letras – Alice e Ildomar atuaram como bolsistas de iniciação científica (FUNCAP) – os três foram os pesquisadores que primeiramente fizeram a recolha do léxico, segundo os âmbitos de culturemas (regionalismos fraseológicos) estabelecidos pela metodologia do docente orientador. (MARTINS, 2021, p. 12)

Edições eletrônicas disponíveis na Internet se mostraram úteis ao pesquisador. Também foi feita uma revisão de pesquisas sobre a obra, entre artigos, dissertações e teses. Além disso, obviamente não faltariam os dicionários, tanto o de uso mais geral (Houaiss) como o folclórico (Câmara Cascudo).

Nesta síntese, o estudioso descreve os criteriosos procedimentos no trato dos achados lexicais:

A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, algumas expressões foram descartadas e outras

---

<sup>4</sup>RABELO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: CEB, 1948. p. 165.

expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, e, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural, fraseológico e linguístico da expressão em tela, através de suas origens, etimologias e significados, bem buscando, na intertextualidade, matérias e pesquisas relacionadas ao culturema selecionado. (MARTINS, 2021, p. 25)

A redação dos verbetes seguiu o esquema: ocorrência do culturema; abono com citação da obra *ipsis litteris*; sentido (com oportunos comentários e alusões a outras obras, em que aparece o culturema em pauta).

Pelo alto valor filológico, chega a surpreender a quantidade de achados que, segundo o pesquisador, datam da edição de 1903 de *Luzia-Homem*<sup>5</sup>, ou seja, ainda não tinham registro escrito em obras anteriores. Eis alguns exemplos que, para quem é cearense, soam familiares:

Locuções verbais – dar fé/não dar fé, dar nas vista/dar logo na vista, deixar(-se) de mão, estar pela hora da morte, estar fazendo quarto, fazer finca-pé, não fazer caso, fazer feio (com alguém), fazer por onde, fazer roda a, (ficar) pelle e osso, metter o pé na carreira, morrer de um nó na tripa, (ser) macaca velha, ter panos para as mangas, ter sangue de barata, etc.

Locuções nominais – aberta dos peitos, a fina força, armados até os dentes, cabresto curto, carne de sol, meia agua, não-sei-que-diga, papa-ceia, raiz de péga-pinto, etc.

Dentre os provérbios recolhidos, alguns têm forte sabor regional: Aonde vocês botam o pirão que comem; Barco parado não ganha fréte; Boi solto, lambe-se todo; Quem cabras não tem e cabrito vende.

A seção “CULTURA LINGUÍSTICA EM LH, POR CAPÍTULO” apresenta a distribuição dos achados a cada capítulo, o que, além de facilitar a consulta, permite perceber a distribuição equilibrada dessas ocorrências ao longo de toda essa obra literária.

Na seção “ANTROPOCULTUREMAS (PERSONAGENS) EM LH”, há um cuidadoso levantamento onomástico. Todas as ocorrências aparecem em trechos do romance, anotando-se o número de vezes que aparecem, bem como o de suas variantes. Alguns desses nomes contribuem para reiterar a figuratividade regionalista pretendida pelo enunciador do discurso literário, como no registro da pronúncia popular em *tia Catirina* ou no uso de hipocorísticos, como *Lixande* ou *Quinotinha*.

---

<sup>5</sup>Numa palestra ocorrida na UVA em 1997, tive a honra de compartilhar mesa com o saudoso José Alves Fernandes, que na ocasião fez comentários sobre o pioneirismo de *Luzia-Homem* no registro do léxico regional cearense.

Também se percebe, na sucessão onomástica, o contraste social entre um ilustre *Capitão Francisco Marçal* e uma desprestigiada “Joanna Cangaty”, tipificando as classes populares.

Finalmente, a seção “LÉXICO DE LACUNAS, SEGUNDO AFONSO DE TAUNAY” vem conferir os registros publicados em 1914. Assim Vicente Martins (2021, p. 221) reconhece o pioneirismo dessa obra nos estudos de *Luzia-Homem*: “Certamente, é uma das primeiras obras a reconhecer LH como fonte de abonação e de datação da lexicografia brasileira.” Do trabalho de Taunay, Vicente Martins retira os seguintes exemplos, mostrando-lhes a respectiva ocorrência no texto do romance: alvarinto, baticum, cabelloiro, cacúlo, capiongo, decomer, entojar, maldar, rendengue, tenencia e terça. Dessas, separo as duas primeiras, pedindo licença para a digressão, depois de consultar três referências: o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (VOLP), da Academia Brasileira de Letras, o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geral da Cunha, e a versão eletrônica do *Caldas Aulete*.

A primeira – *alvarinto* – não encontrei em nenhuma dessas obras, o que não deixa de causa espécie, já que Taunay o registra em 1914.

A segunda – *baticum* – tem registro nesses três trabalhos. No VOLP, registram as variantes *batecum* e *baticum*. No entanto, a datação de Taunay, de 1903, contrasta com a de Cunha, que situa esse substantivo ainda no século XVIII: “A forma *baticum* é mera var. nasalizada de *batecu*”.

Mas isso é só uma digressão. O que importa é que *Luzia-Homem*, tendo sido um testemunho ficcional de uma época, documentou com riqueza de pormenores a cultura interiorana cearense, firmando-se como fonte para quantos tenham formação e sensibilidade para lhe reconhecer o devido valor.

Vicente Martins desde muito cedo, ainda nos dias de letramento escolar, sentiu-se tocado pelo instigante chamado desse romance, desafiado pela riqueza de seu léxico. Na maturidade de pesquisador, ele não perdeu o encantamento desse chamado, contribuindo de forma efetiva com a fortuna crítica do legado principal de Domingos Olímpio. Humilde como os verdadeiros sábios, ele propõe este *Luzia-homem: dicionário de cultura linguística* como protótipo que, submetido ao público interessado, receberá o necessário retorno enunciativo para seu aprimoramento. Afinal, como assegura o próprio Vicente Martins, a primeira edição é prova, mas é a segunda que comprova.

Mesmo tendo alguma vivência na pesquisa sobre esse belo romance, saio ainda mais embevecido com seu valor cultural. E não hesito em assegurar que o dicionário de Vicente Martins é a coluna que faltava ao edifício crítico desse monumento deixado por Domingos Olímpio.